

Cadernos de estágio

A importância da libras como L2 para as crianças ouvintes no NEI: a inclusão pelas mãos

*Silvia Larissa de Oliveira Nóbrega;
Heloisa da Costa Medeiros Flauzino;
Maria Júlia Silva dos Santos;
Flávia Roldan Viana.*

Como citar este texto

NÓBREGA, S. L. de O.; FLAUZINO, H. da C. M. .; SANTOS, M. J. S. dos .; VIANA, F. R. . A importância da libras como L2 para as crianças ouvintes no NEI: : a inclusão pelas mãos. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38694](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38694)



O presente relato de experiência refere-se ao Estágio Supervisionado de Formação de Professores II (Libras), que aconteceu no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o Núcleo de Educação da Infância (NEI), que foi vivenciado por três alunas surdas do curso de licenciatura Letras/Libras e Língua Portuguesa como L2 para surdos da UFRN.

O Estágio Supervisionado de Formação de Professores II acontece através do desenvolvimento de projetos de intervenção a serem aplicados nas escolas. No curso de Letras - Libras da UFRN, estudantes-estagiários/as elaboram seus projetos nas áreas de atuação: ensino de língua brasileira de sinais (Libras), como L1, para surdos, ou como L2, para ouvintes; e ensino de língua portuguesa como L2 para surdos. Esses ensinamentos são para alunos/as ou para professores/as da educação básica.

De acordo com Caires e Almeida (2000, p. 222) existem pelo menos nove contribuições consideradas inerentes ao estágio, que são:

[...] construção de uma visão mais realista do Mundo do Trabalho e das perspectivas de carreira [dos estudantes estagiários]; [...] promoção de competências de empregabilidade e desenvolvimento de destrezas na sua área profissional [...]; o desenvolvimento de competências sociais e interpessoais [...]; aumento das oportunidades de emprego [...]; aumento do “diálogo” entre o Ensino Superior e o Mundo do Trabalho [...]; maiores níveis de maturidade e de auto-confiança dos alunos [...]; atenuar do impacto da transição da Universidade para o Mundo do Trabalho [...]; desenvolvimento do raciocínio prático e da capacidade de resolução de

problemas por parte dos alunos [...]; promoção de níveis superiores em termos do auto-conceito vocacional e dos valores de trabalho. (Caires e Almeida, 2000, p. 222)

No momento do estágio, é importante para nós, estagiárias, termos a oportunidade de observar e aprender na prática todas as aprendizagens adquiridas e o desenvolvimento do estudante na aquisição de conhecimentos práticos. Isso permite uma participação empírica e a vivência das atividades escolares, integrando o conhecimento acadêmico ao cotidiano de uma instituição de ensino. O estágio desempenha um papel fundamental na formação de profissionais que atuarão na educação de surdos, nos ensinamentos das línguas para surdos e ouvintes e na promoção da inclusão.

Sendo assim, no processo de formação, o estágio se constitui como fundamental, pois é a oportunidade da teoria mostrar-se na prática, em constantes momentos de ação-reflexão-ação, para que haja uma aprendizagem significativa da docência. Os/as estagiários/as precisam :

[...] viver a escola em toda a sua amplitude, agora não mais como aluno, mas sim, direcionando seu olhar como futuro professor para que possa compreender e situar-se nesse contexto educativo de forma a demonstrar competência profissional e compromisso ético para com a sua futura profissão. (França, 2005, p. 03).

O projeto desenvolvido no âmbito desse estágio teve a missão de refletir sobre o processo de aprendizagem, suas dificuldades e os caminhos a serem tri-

lhados. Os alunos/as do NEI tiveram a oportunidade de se interessar por Libras como uma segunda língua (L2) e conhecer as diferenças culturais entre surdos e ouvintes, além de desenvolver habilidades linguísticas e comunicativas em Libras.

Para o ensino de Libras como L2 para discentes ouvintes dos anos iniciais do ensino fundamental, é preciso considerar os procedimentos metodológicos, os recursos didáticos e as atividades visuo-gestuais utilizadas em sua prática. De acordo com Gesser (2012, p. 129), é preciso:

[...] motivar os alunos a entenderem “o que é a surdez”, “o que é a Libras”, “a quem essa língua importa e por que importa”, “o que ela tem a ver com as pessoas na nossa sociedade” prepara os aprendizes para inserção e a conscientização de um repertório de conhecimentos possivelmente alheios a sua realidade, tornando-os mais bem preparados para transitar em práticas culturais que se fazem em grupos humanos diversos (GRIFO DA AUTORA).

A proposta possibilitou experiências relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem por meio de metodologias e práticas didáticas que se mostraram facilitadoras desse processo. Na vivência, as crianças ficaram curiosas, empolgadas e perguntaram sobre os sinais, além de explicarem as características dos sinais em Libras. No entanto, houve um grande desafio: um aluno com Síndrome de Down apresentou muitas dificuldades para aprender Libras, não conseguindo prestar atenção nem se comunicar. A estratégia utilizada foi ensiná-lo a soletrar seu nome, e

ele conseguiu fazê-lo pela primeira vez.

Nessa perspectiva, percebemos que o ensino de Libras é de interesse significativo. Observa-se que, ao enfrentarem desafios, as crianças demonstram mais atenção e interação,

se divertindo e interagindo umas com as outras por meio de sinais e diálogos, especialmente sobre sinais de materiais escolares e curiosidades sobre a cultura surda. Isso contribui para a aquisição de Libras como L2, e o desejo das crianças de continuar aprendendo é bem maior. Percebe-se que o uso de materiais didáticos ajuda a tornar as aulas prazerosas e a despertar nos alunos o desejo de conhecer, além de fomentar a curiosidade para aprender a língua.

Assim, a intenção de ensinar Libras a todos os alunos da escola tem o propósito de colaborar para uma sociedade inclusiva. Durante a história da educação de surdos, a escola regular não acumulou experiências com indivíduos surdos, uma vez que, no Brasil, a legislação ainda não foi oficialmente estabelecida. Contudo, a proposta de inclusão educacional é recente em nossa sociedade, necessitando de muitas reflexões e práticas que possam fornecer apoio.

Por isso, é importante que as crianças ouvintes se mobilizem para atender à necessidade de tornar o ambiente escolar mais acessível e incentivar a participação autônoma na sinalização da Língua Brasileira de Sinais. Observou-se que as crianças ouvintes quase

não conhecem nada ou nunca tiveram informações sobre a Língua Brasileira de Sinais. Portanto, reconhece-se a importância do aprendizado de Libras como segunda língua para as crianças ouvintes. Talvez, no futuro, elas possam ajudar as crianças surdas e se sintam satisfeitas por saber Libras.

Essa experiência no NEI nos ajudou a refletir e a trocar experiências sobre ensino e aprendizagem de língua de sinais para crianças ouvintes, por ser um campo fértil para a experimentação metodológica. Nos forma enquanto profissionais reflexivos, como aponta Perrenoud (2002), já que a prática assume, desde a elaboração do projeto de intervenção até a execução do mesmo, uma forma reflexiva e real.

REFERÊNCIAS

CAIRES, Susana; ALMEIDA, Leandro S. Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 13, n. 2, p. 219-241, 2000.

FRANÇA, Diamar de Souza. Formação de professores: A parceria escola-universidade e os Estágios de Ensino. **Uni-Revista**, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 2, abr. 2006

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola, 2012.

PERRENOUD, P. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor**: Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artemed Editora, 2002.